

Orientados pelo Sol que nasce

Carta do Abade Geral OCist para o Natal de 2017



Queridos,

à medida que nos encaminhamos para celebrar a vinda do Natal do Senhor, repenso com gratidão a intensidade deste ano, e aos muitos encontros com as comunidades. Não esqueço, também, as várias situações críticas e dramáticas que compartilhei com muitos de vocês. Situações pessoais, comunitárias, eclesiais, sociais e políticas, onde às vezes, nos sentimos perdidos e desorientados. Por isso, em não poucas ocasiões, encontrei-me meditando sobre o tema da desorientação, isto é, naquela condição em que nos encontramos parados e incapazes de discernir a direção certa do caminho a seguir.

Este estado de desorientação é hoje uma condição cultural, muitas vezes explorada pelos que procuram poder fácil. Quando um povo não sabe mais para onde ir, torna-se presa fácil para o que fala mais alto, indicando que a direção certa é segui-lo. Os ditadores, com qualquer tipo de ideologia, são pessoas que conseguem orientar multidões para si mesmos. São Bento também nos adverte: cada um de nós, no pequeno mundo de sua comunidade ou família, em seu lugar de trabalho e de responsabilidade, pode ceder à mesma lógica e se tornar "tirano" daqueles ao seu redor (cf. RB 27,6, 65,2).

O Oriens!

O cristianismo é a resposta a esta condição de desorientação, no qual o coração do homem e toda a sociedade, sempre se encontram. Desde a sua primeira aparição no estábulo de Belém, Jesus Cristo orienta o caminho dos homens. É isto que cantamos solenemente na antífona "*O Oriens!*" da liturgia de 21 de dezembro:

*Ó Sol nascente,
resplendor da luz eterna e de justiça
Oh! Vinde e iluminai os que jazem nas trevas
e na sombra da morte.*

O verbo "orientar" deriva diretamente do termo "oriente", que é o ponto geográfico onde nasce o sol. O primeiro significado de "oriente" está relacionado ao verbo *oriri*, isto é, "nascer, surgir". O sol é o *oriens* propriamente dito, porque é um astro que nasce.

O nascer do sol orienta o mundo inteiro, orienta o dia com a sua luz. A própria natureza do universo educa, simbolicamente, o homem a se orientar, a começar e viver o dia sabendo qual é a direção do caminho. O nascer do sol, orienta o tempo e o espaço da jornada até o anoitecer. E a jornada que transcorre desde o nascer até o pôr-do-sol, é um símbolo da vida humana, tesa entre o nascimento e a morte. É entre estes dois polos, que a vida deve ter significado, direção e, por isso, precisa ser orientada.

O nascimento de Jesus, o fato de Deus tornar-se homem, revelou-se como o nascer de uma luz, capaz de orientar a vida de todo ser humano e de todos os povos. Não os orienta em direção a morte, ao pôr-do-sol, mas em direção a plenitude de vida, que o homem sozinho não consegue se dar. Os pastores, chamados a visitar Jesus recém-nascido ou os Magos, vindos para adorá-lo, orientando-se por um astro, que apareceu misteriosamente no momento do nascimento, nos testemunham que Cristo, desde a sua primeira aparição no mundo humano, é a luz que orienta a vida, e dá à vida a sua verdadeira direção, seu sentido. Aquele que se orienta em Jesus, encontra Nele a verdadeira orientação de toda a vida. Os Magos voltam para casa "por outro caminho" (Mt 2,12), que não obedece mais aos desejos de Herodes, mas é determinado pelo Menino que encontraram. O velho Simeão, passou a vida toda no templo orientado para o encontro com Jesus, e quando o encontro acontece, quando "a luz para iluminar os povos" (Lc 2,32) ilumina sua vida, também o caminho para a morte se torna, para ele, um "ir em paz", para o destino de vida eterna revelada pela presença de Cristo (cf. Lc 2,29). Todo verdadeiro encontro com Jesus dá sentido à vida, orienta a vida em sua verdade e beleza.

Sair do caos

Antes do surgir de Jesus na vida das pessoas ou das comunidades, se está em uma situação caótica e confusa. Antes de conhecer o Senhor, a Luz do mundo, o coração, a vida, ideias e relacionamentos, estão confusos. Pensemos na confusão dos pensamentos e sentimentos dos discípulos de Emaús, ou na confusão moral e relacional da Samaritana, na confusão espiritual e mental dos endemoninhados, ou pensemos também na confusão que a ambição de ser o maior ou a falta de fé, criavam no grupo dos apóstolos. Todos, antes de encontrarem Cristo, estão desorientados, não sabem para onde ir, especialmente quando pensam estar no caminho certo, como os fariseus, como Saulo de Tarso.

É importante saber reconhecer que esta confusão está presente, antes de tudo, em nós mesmos, em nossas comunidades. Mas não se deve pensar que este sentimento de desorientação seja, necessariamente, negativo. Muitas vezes, isto deriva, simplesmente, da realidade em que nos encontramos. Muitas comunidades estão desorientadas pela fragilidade de seus membros, devido à idade avançada e a falta de vocações. Às vezes, é a confusão da sociedade, a situação política e econômica de um país, que nos cria um senso de confusão e desorientação. A desorientação também pode ser um contágio através de um membro, que passa para toda a comunidade, como

por exemplo, quando alguém atravessa uma crise forte, deixa a comunidade ou vive grave infidelidade na vocação comunitária.

Mesmo quando tudo está bem, pode ser positivo que uma pessoa ou uma comunidade, passe por momentos onde é preciso se reorientar, pois isto significa que se está em caminho, se vai adiante. Quem está sempre sentado ou deitado, nunca se sentirá desorientado, porém não se move, não caminha.

Em todas as situações, quando precisamos sair da confusão, e reencontrar a direção do caminho da vida, é importante que isto aconteça sem nos voltarmos a nós mesmos, ou a guias mundanos, mas como cantamos todos os dias no *Benedictus*, para o "sol que nasce, como luz resplandecente, a iluminar quantos jazem nas trevas e na sombra da morte", único que sabe e pode "guiar nossos passos no caminho da paz"(Lc 1,78-79).

Desde os primeiros séculos, a orientação das igrejas para o Leste, educou a viver a oração como um retomar a direção certa da vida. Do oriente deve voltar Cristo. Do oriente, Cristo já vem, nascendo como o sol a cada manhã, depois de cada noite, mesmo depois das noites espirituais, em que perdemos a direção da vida. Devemos sempre rezar, para dar direção e senso à vida, àquilo que nos acontece, à situação em que estamos, e para que esta direção e este sentido sejam o próprio Cristo, a Sua presença, o Seu vir em nosso encontro, o Seu caminhar conosco. Quando não rezamos assim, percebemos que em nós e em torno a nós, aumenta a confusão, se cria uma desordem que torna a vida triste. A oração não tira a fadiga, o sofrimento e a fragilidade, mas permite a tudo encontrar um sentido, uma direção, uma ordem, gerando a alegria da paz.

É o Senhor!

Não é a oração em si que orienta a vida. Rezar significa olhar para o oriente, para ver o nascer do sol. É o surgimento do sol, a sua manifestação, a sua luz e calor, que nos liberta da confusão das trevas e da sombra da morte. A oração muda a vida, quando se volta para a presença de Cristo, que surge para nós.

Quando enfrentamos os problemas e as dificuldades, das pessoas e da comunidade, quanto tempo perdemos para buscar soluções ou pretender mudanças, sem nos voltar para Cristo, que veio, morreu e ressuscitou para manifestar-se em todas as situações humanas possíveis, e dar novamente senso e destino! As soluções e mudanças também virão, mas não serão uma obra nossa, mas o reflexo, em nós e à nossa volta, de uma luz que abriu nossos olhos.

Como surge a presença luminosa de Cristo em nossas vidas?

Quando meditamos o Evangelho, percebemos que, raramente, o Senhor se manifesta como um raio. Quase sempre a manifestação de Cristo, é como o nascer do sol, como a aurora, que progressivamente anuncia e evidencia qual é a fonte do seu esplendor.

Como aquela manhã, quando Pedro e alguns discípulos saíram para pescar, e durante toda a noite não haviam pescado nada. E Jesus ressuscitado parece se mostrar como uma aurora: "Quando já estava amanhecendo, Jesus estava na margem, mas os discípulos não perceberam que era Jesus" (Jo 21,4). E diante da decepção e confusão dos discípulos, em não ter pescado nada, Jesus os orienta, indicando-lhes como proceder para que suas vidas possam ser fecundas, úteis e felizes: «"Lancem a rede do lado direito do barco e encontrarão". Eles a lançaram, e não conseguiam recolher a rede, tal era a quantidade de peixes» (Jo 21, 6). Então, o apóstolo João, reconhece que esta presença, que surge como o sol, e orienta a vida em direção a sua plenitude, é o Ressuscitado: «Então o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!"» (21,7). Todos veem e sentem aquela Presença que se manifesta sempre mais, contudo apenas um reconhece Jesus e comunica esse reconhecimento ao companheiro mais próximo. E à medida em que a luminosa presença de Cristo surge, se difunde também o reconhecimento, como se João tivesse acendido uma vela naquele fogo pasqual e enviado a chama a Pedro e aos outros. E assim, todos se encontram ao Seu redor, em silêncio, felizes, com o coração cheio de adoração e carinho para com o Senhor. «Nenhum dos discípulos ousava perguntar: "Quem és?" porque sabiam bem que era o Senhor. Jesus se aproximou, tomou pão e o deu a eles, fazendo o mesmo com o peixe» (Jo 21,12-13).

Esta cena maravilhosa, cheia de ternura e amizade, não deveria ser reproduzida também para nós e entre nós? Não deveria ser um acontecimento cotidiano, eucarístico, para nossas comunidades? Se isto não acontece, que sentido teria o viver juntos, trabalhar juntos, como os apóstolos pescadores, o rezar juntos, comer juntos? E sobretudo, que sentido teria compartilhar as dificuldades, insucessos, o diminuir de nossas forças e meios humanos? «Jesus disse-lhes: "Filhos, têm algo para comer?" Eles responderam: "Não!"» (Jo 21,5). É como se, muitas vezes, quando Jesus aparece para pedir o fruto de nossos esforços, permanecêssemos fechados no "Não!", no "Não!" que se limita a constatar o nosso limite sem desejar algo a mais, sem pedir mais. O absurdo deste fechamento, é que não pedimos e desejamos algo a mais, mesmo estando na presença do "a mais" infinito que nos foi dado, que nos olha, nos fala e deseja. O sol já surgiu e fechamos os olhos para viver na noite.

Os olhos da fé

O Senhor já surgiu em nossas vidas, na vida do mundo. Quando os pastores ou Magos são convocados a Belém, Jesus já tinha nascido. E todos os discípulos, testemunhas da Ressurreição, abriram os olhos para reconhecer uma Presença que já havia deixado o sepulcro, que a Madalena já tinha visto, pensando que fosse um jardineiro, que já caminhava com os discípulos por horas em direção à Emaús, uma Presença que já estava na margem do lago a lhes olhar, chamar, esperar. A presença de Jesus não foi criada, mas sempre reconhecida pelo dom da fé. E a fé é como os olhos: veem, não porque geram a luz, mas se abrindo para recebê-la como um dom. A fé é sempre um abrir os seus olhos para reconhecer, no dom do Espírito, a luz da presença de Deus em Cristo.

Por isso, Jesus reprova os discípulos somente quando lhes falta a fé, porque não abrem os olhos para uma luz que já foi dada. Nada faz Cristo sofrer mais, que o fechamento de nossos olhos diante do esplendor de Sua presença. Por isso Jesus chorou sobre Jerusalém: "Quando se aproximou e viu a cidade, Jesus chorou sobre ela e disse: "Se compreendesse neste dia, o que traz a paz! (...) Não reconheceste o tempo em que Deus te visitou" (Lc 19, 41-42.44).

Nunca se é fiel ou infiel a alguma coisa, mas a alguém. O esplendor da fidelidade de tantos monges e monjas anciãos, não se mede nos anos, nas obras, mas no frescor do permanecer apaixonados por Cristo. E quando alguém parte, talvez o mais novo, quase nunca é por grave infidelidade, mas por não saber ou poder abrir os olhos à luz de Sua presença, única a dar sentido a toda vocação, e também em nossas fragilidades humanas no vive-la.

Reconcentrar-nos e reorientar-nos à presença do Senhor, viver em função do seu surgir dentro da cotidianidade dos relacionamentos e dos gestos, é a grande obra da vida cristã, que para os monges e monjas deveria ser privilegiada. O nosso dever na Igreja, tudo o que fazemos, é permanecer orientados a Cristo, que surge em nosso meio, "para guiar nossos passos no caminho da paz" (Lc 1,79), a paz para nós, paz para todos, paz de comunhão com o Pai no Espírito Santo, em Cristo Redentor de toda a humanidade. Só assim, a nossa fé e vocação, tornam-se significativas para o mundo, pois transmitem o significado de si e de toda realidade. Uma única pessoa que vive com um coração orientado para Cristo, e a partir de Cristo, transforma o caos em realidade organizada a sua finalidade, mesmo quando o mundo continua a não perceber.

Foi por este motivo que Deus colocou a Igreja no mundo, como canta o Salmo 88: "Feliz o povo que aprendeu a aclamar-te, Senhor, e que anda na luz da tua face!" (Sl 88,16). Somos este povo? É a nossa Ordem, nossas comunidades, este povo abençoado, feliz, porque caminha à luz da Face revelada do Mistério, Cristo Senhor?

Reorientar-nos a Cristo

Se muitas vezes nos sentimos perdidos, desorientados, mesmo seguindo a nossa vocação e em nossas comunidades, se certas situações nos perturbam e nos tornam indecisos sobre como continuar o caminho, ou tentam nos parar ou voltar atrás, é porque negligenciamos a orientação de nossas vidas para Cristo, não fixamos o suficiente, pessoalmente e juntos, o Sol que nasce para dirigir os nossos passos. Temos a pretensão e a presunção, ou talvez simplesmente a leviandade, de podermos orientar nossa vida, sem orientarmos em Jesus. Cremos poder definir os pontos cardinais de nossa existência, sem olhar o ponto onde o sol nasce. Por isso não é raro ver pessoas ou comunidades que estão convencidas de ir na direção certa, quando, ao invés, vão na direção oposta. Quem não olha para o sol que nasce ao Leste, não pode ter certeza de ir para o Norte, Sul ou Oeste.

Mas como deixar-nos orientar, pela presença de Cristo que nasce por nós? Seria suficiente ler e meditar com atenção, aplicando-a à nossa vida e situação, a Regra de São Bento, para aprender a viver esta capacidade de orientação, que é a sabedoria cristã. Toda a tradição da Igreja e o magistério, que a atualiza hoje, nos foram dados para isto.

Vendo a situação e a necessidade de nossas comunidades, e não apenas as nossas, creio importante ressaltar dois pontos.

O silêncio que fixa Jesus

Antes de tudo, é necessário sempre retomar a consciência, que somente Cristo é o verdadeiro Caminho da vida (cf. Jo 14,6). Somente Ele nos leva ao Pai, origem e destino de toda criatura, homem e coração. E retomar consciência de que Cristo é o Caminho, no ato de caminhar conosco, acompanhando-nos, isto é, realmente estando presente. Tudo deve recomeçar de um olhar, que O reconhece presente. Presente em nosso coração, presente na Igreja, nos sacramentos, na sua palavra, no nosso próximo, nos pobres. Este reconhecimento é um olhar silencioso.

Como exprime a Carta aos Hebreus: "Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé" (Hb 12,1-2).

Tudo se torna um peso inútil que nos faz trabalhar em vão, se nunca parássemos, pelo menos um só segundo, para fixar o olhar em Jesus, no silêncio. Como vimos na cena à margem do lago Tiberíades: "Nenhum dos discípulos ousava perguntar: "Quem és?" porque sabiam bem que era o Senhor" (Jo 21, 12). Estão lá, em silêncio, o olhar fixo Nele, esperando a Sua iniciativa. O grito de João - "É o Senhor!" - tornou-se um reconhecimento silencioso e adorador de seus corações: não precisavam falar, perguntar, pois "sabiam que era o Senhor".

É esta atitude que permite a Jesus manifestar-se cada vez mais, para tornar-se ainda mais presente: "Jesus se aproximou, tomou pão e o deu a eles, fazendo o mesmo com o peixe" (Jo 21,13). O silêncio que fixa o Senhor nos abre ao dom da Eucaristia, doação total de Cristo ao homem, ao ponto de deixar-Se assimilar para nos tornar Ele.

Falar-nos Dele

A partir deste silêncio nasce o falar-nos Dele. Os pastores, depois de adorá-Lo, falam Dele a todos os presentes: "Depois de o verem, contaram a todos o que lhes fora dito a respeito daquele menino" (Lc 2,17). Os discípulos de Emaús dialogam sobre o que a presença e a palavra de Jesus, provocaram no íntimo de seus corações (cf. Lc 24,32). Os apóstolos falam de Jesus a Tomé (cf. Jo 20,25), e depois para o mundo inteiro.

Estou impressionado quão pouco se fale de Cristo nas comunidades, pouco normal para nós, falar de Sua presença, Sua palavra. É como se, caminhando juntos, não lembrássemos uns aos outros o porquê caminhamos e para onde vamos. Quão bonito é, no entanto, nos transmitir a luz do Sol que orienta nossos passos! Se às vezes falta a paz nos corações e relacionamentos, é precisamente porque, não nos ajudamos o suficiente a nos deixar orientar por Cristo, para seguir o caminho da paz.

Até a Mãe de Deus e São José, precisaram ser ajudados e orientados, pelos que contemplavam o Menino e lhes falava Dele. O velho Simeão, acolhendo Jesus no Templo, exclama: "Pois os meus olhos já viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para revelar-te aos povos" (Lc 2,30-32). E depois inicia a dialogar com Maria sobre Jesus: "Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição..." e revelando também o destino da Mãe na obra da Redenção do Filho: "quanto a ti, uma espada te atravessará a alma" (Lc 2,34-35).

Eis, queridos, que me parece que não há nada mais urgente para nós e para a humanidade, do que colocar no coração de nossa vocação, o olhar fixo em Jesus Cristo o Sol que nasce, e assim tornarmos, entre nós e com todos, testemunhas desta Luz. Que este seja o presente que oferecemos a nós mesmos, à Igreja e ao mundo, neste Natal e sempre!



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist